

Capítulo 40 - DOI:10.55232/1085002.40

**EDUCAÇÃO FÍSICA, DANÇA, PODER E RESISTÊNCIA:
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DE UMA
PROFESSORA DA REDE PÚBLICA DA CIDADE DE JUIZ
DE FORA A PARTIR DE TEORIZAÇÕES
FOUCAULTIANAS**

Anderson José de Oliveira, Wilson Alviano Junior, Neil Franco

RESUMO: O presente trabalho objetiva analisar, através de teorizações foucaultianas, a prática docente de uma professora que atua com a temática dança em suas aulas dentro do componente curricular Educação Física. São utilizados como referência os trabalhos de Michel Foucault (1988, 1989, 2016), Coletivo de Autores (1992), Luci Bertoni (2001), dentre outros, além de documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018). Fizemos uso de metodologia qualitativa através de um estudo de caso apoiado em pesquisa bibliográfica e documental. Foi possível perceber que a docente, sujeito da presente pesquisa considera sua formação inicial insuficiente para tematizar as aulas de dança no ambiente escolar, sendo necessário uma formação complementar para a realização desse trabalho. Ela sofre a influência do poder exercido por instituições religiosas que em muitos momentos não permitem que ela realize o trabalho da maneira como gostaria. Também sofre influência do poder exercido por instituições educacionais, tendo que direcionar suas aulas totalmente vinculadas ao que está exposto nas matrizes curriculares que tem acesso como a BNCC (2018). No entanto ela resiste conversando com suas crianças questões vinculadas a religião para além dos muros da Igreja e também propõe discussões que ultrapassam o que é proposto pela BNCC. Finalizamos com a compreensão de que o trabalho na escola necessita para além de uma formação acadêmica uma formação que se dá no chão da escola.

Palavras-chave: Educação Física, Dança Educação, Foucault

INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar é constituída por inúmeras temáticas que perpassam pelos jogos e brincadeiras, pela ginástica, pelas lutas, pelos esportes, pela dança, dentre outros elementos da cultura corporal.

Dos componentes da cultura corporal, voltamos nossas análises para a dança pois, apesar dessa temática ser regulamentada por documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018) e dentro desse documento estar presente em dois componentes curriculares – Artes e Educação Física; mesmo sendo uma temática defendida de ser trabalhada na escola por diversos autores como Isabel Marques (2012) e Strazzacappa (2011), o trabalho com dança na escola ainda é inexpressivo.

Pensando, especificamente, no componente curricular Educação Física esse quadro se repete, pois as aulas se voltam principalmente para a temática desportiva, ficando a dança relegada a um segundo plano.

Esse quadro deu origem a questão da tese de doutorado de um dos autores, que é: saber quem são e como trabalham os professores de Educação Física que abordam em suas aulas a temática dança nas redes públicas e particulares de ensino da cidade de Juiz de Fora.

Tendo em mãos o material selecionado para a escrita da referida tese, selecionamos as falas de uma das professoras de Educação Física devido a sua ampla experiência tanto na educação básica quanto no ensino superior (na formação de outros professores de educação física) para discutirmos como a temática dança é trabalhada na escola. Objetivamos, assim, fazer algumas análises em relação a prática dessa docente a partir de teorizações foucaultianas.

Entendemos que a dança é um elemento da cultura corporal legítimo e necessário de ser trabalhado na escola. Devido a esse fato, pretendemos dar visibilidade a docentes que atuam com essa temática no ambiente escolar. Segundo Coletivo de Autores (1992) abordar diferentes elementos da cultura corporal na escola permite aos estudantes compreenderem a realidade social através da relação que esses elementos possuem com questões sociopolíticas como a ecologia, preconceitos sociais, dentre outros.

Existem inúmeros discursos que podem ser contextualizados e problematizados no ambiente escolar através da dança e que permitam aos alunos refletirem sobre a realidade na qual estão inseridos. Dessa maneira, tematizar a dança no ambiente escolar

é essencial, por isso é relevante discutir sobre a prática dos professores que trabalham com essa manifestação cultural, algo que é proposto no presente artigo.

REFERENCIAL TEÓRICO

São referenciais para este estudo, dentre outros, Michel Foucault (1988, 1989, 2016), Coletivo de Autores (1992), Luci Bertoni (2001), Rudolf Laban (1990), Margareth Rago (2019), além de documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018).

ABORDAGEM METODOLÓGICA, CONTEXTO DA PESQUISA

O presente trabalho é resultado de um estudo de caso apoiado em pesquisa bibliográfica e documental, a partir de entrevista semiestruturada enfocando a prática de uma docente de Educação Física que atua em suas aulas com a temática dança. Para subsidiar as discussões buscamos referendar nossas análises na perspectiva foucaultiana.

Os estudos de caso colocam em evidência ligações casuais “[...] entre intervenções e situações da vida real; o contexto em que uma ação ou intervenção ocorreu ou ocorre; o rumo de um processo em curso e maneiras de interpretá-lo; o sentido e a relevância de algumas situações-chave nos resultados de uma intervenção.” (MINAYO, 2014, p. 164). No que se refere à pesquisa bibliográfica, segundo Telma Lima e Regina Miotto (2007), é uma forma de análise que tem como foco dar subsídio teórico a um objeto de estudo, trazendo elementos que fundamentam a análise dos dados que serão pesquisados. Já a entrevista semiestruturada é um procedimento que conta com um roteiro que deve ser formulado de tal maneira que permita uma flexibilidade nas conversas e, assim, poder assimilar temas diferentes do que se havia pensado inicialmente e que são levados pelo sujeito que está sendo entrevistado (MINAYO, 2014).

A entrevista, acima citada, faz parte de um material coletado para escrita de uma tese de doutorado de um dos autores, pertencente ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora¹, que objetiva analisar a prática de docentes de Educação Física que atuam com a temática dança nas aulas de Educação

¹ Essa entrevista foi coletada para a escrita de uma tese de doutorado que está registrada e aprovada no conselho de ética da Universidade Federal de Juiz de Fora, constando no parecer número 4.764.577.

Física e também em projetos de dança no contraturno escolar dos alunos em escolas públicas e privadas do município de Juiz de Fora.

No roteiro utilizado para a realização da entrevista continham os seguintes questionamentos: primeiro nome do entrevistado; idade; ano que formou em Educação Física; escola que atua (pública estadual, pública municipal ou privada); qual a etapa do ensino que trabalha (fundamental 1, 2 ou médio); com quais anos trabalha; quanto tempo leciona Educação Física. Além disso: quais temáticas aborda em suas aulas? Se a temática dança é trabalhada e de que forma? Quais os estilos de música são utilizados? A cultura que os alunos levam para a sala de aula é considerada na montagem das aulas? Quais as dificuldades encontradas? Você encontra dificuldades relacionadas ao gênero dos alunos? Você encontra dificuldades relacionadas a religião dos alunos? Você atua em projetos no contraturno dos alunos? Qual a diferença do trabalho da dança na Educação Física, em projetos curriculares e projetos no contraturno dos alunos? A partir de quais referenciais a temática dança é trabalhada? A formação que você teve em sua graduação te deu elementos suficientes para trabalhar com a temática dança? Quais disciplinas você cursou na faculdade relacionadas a dança ou que te ajudam a trabalhar com essa temática na escola? Você conhece e o que você conhece sobre a BNCC? A publicação da BNCC trouxe mudanças em sua prática docente? Com a publicação da BNCC novas temáticas que antes não eram abordadas passaram a ser abordadas? Como foi o seu trabalho na escola em que atua durante o ensino remoto devido a pandemia da Covid 19? Nesse período você conseguiu abordar todas as temáticas que abordava no período de ensino presencial? Fale sobre as diferenças do ensino remoto para o ensino presencial. Você conseguiu abordar a temática dança durante o ensino remoto? Como foi o processo de retorno as aulas presenciais após o ensino remoto? Você está conseguindo trabalhar da mesma forma que trabalhava antes da pandemia? Você quer falar algo mais sobre sua prática docente como dança ou com Educação Física?

A entrevista que deu origem a este artigo foi gravada, transcrita e devolvida a entrevistada para que ela fizesse as correções que achasse necessárias e assinasse um termo de validação da entrevista. Foi explicado a ela que em qualquer momento antes da publicação da referida tese suas falas poderiam ser retiradas dessa pesquisa de doutorado. Além disso, foi esclarecido também que a identidade dela seria preservada.

É importante dizer que, devido aos limites do presente trabalho, nem todas as falas coletadas dessa docente foram utilizadas nas reflexões desenvolvidas neste trabalho. A professora sujeito dessa entrevista foi selecionada, dentre as outras entrevistadas para a

confeção da tese de doutorado, anteriormente referendada, por possuir uma longa experiência atuando com a temática dança na Educação Básica e, também por ter sido, por um período de tempo, professora em instituições de ensino superior, trabalhando assim na formação de outros docentes para atuação com a dança em aulas de Educação Física.

ALGUNS DADOS DA ENTREVISTADA

A docente entrevistada², aqui denominada como professora kn, tem 51 anos de idade, formou-se em Educação Física no início da década de 1990 e no ano de 2021 trabalhava com educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, em duas escolas públicas de Juiz de Fora, nos turnos da manhã e da tarde.

Após graduada, adquiriu experiência em dança a partir de uma especialização que cursou nesta área, com carga horária de 937h, em uma instituição do estado da Bahia. Ao retornar para Juiz de Fora, começou a atuar com projetos extracurriculares de dança que aconteciam no horário contraturno dos alunos. Nos últimos cinco anos, a educadora optou por lecionar somente Educação Física escolar, após ser efetivada em um cargo, na rede de ensino em que trabalha. Em outro cargo, atua como contratada. Dentro de suas aulas, atua com diferentes temáticas curriculares, no entanto, daremos ênfase aqui em sua prática com a dança, devido ao fato desse ser o foco do presente trabalho.

A professora Kn diz que tem facilidade de atuar com essa temática pelo fato de possuir experiência de 20 anos em sua vida profissional na dança. A sua prática se dá mais pela questão da liberdade de movimentos dos alunos, dos processos de criação, do seu conhecimento do próprio corpo e da sua expressividade. A seguinte fala exemplifica o modo como ela atua com a temática dança.

Eu trabalho dentro da experiência, movimentos que ele tem. Trago também outros movimentos para eles experimentarem, mas eu trabalho muito em cima da experiência de movimentos deles, a criatividade deles e eles vão aprendendo com a experiência dos outros coleguinhas. Então, o modelo de movimento (...) que ele tem, ele vai passar para o outro. Isso muito através de brincadeiras. Muitas brincadeiras e jogos de dança. Atividades de dança muito envolvidas com brincadeiras, brincadeiras cantadas. Tenho muitas turmas de educação infantil, brincadeiras cantadas, brincadeiras de roda também... É mais nesse sentido. Não reservo técnica, não reservo modalidades de dança, só algumas experiências (Professora Kn, 2021).

² Essa entrevista foi realizada em maio de 2021.

A docente disse que as músicas com que trabalha são de diferentes estilos, como o samba, forró, músicas instrumentais, músicas infantis, cantigas de roda, trabalhando na perspectiva de Rudolf Laban³: o espaço, o tempo, a fluência. Segundo ela, é considerado o conhecimento que o aluno traz para a aula no que se refere a sua forma de se expressar através do movimento.

A DANÇA NA ESCOLA E MICHEL FOUCAULT

Em relação aos dados expostos até aqui, é importante destacar que a docente atuou em boa parte de sua vida profissional com a temática dança. Para desenvolver inicialmente esse trabalho, foi necessário, segundo ela, fazer uma especialização na área de dança. Ela considera que sua formação durante a faculdade não foi suficiente para oferecer subsídios para o trabalho com dança no ambiente escolar. Foi necessário recorrer a uma formação complementar para que ela sentisse segurança para executar tal trabalho. Essa informação leva a pensarmos que a formação inicial em Educação Física ainda é deficitária para que os futuros professores sintam segurança para trabalhar com as diferentes temáticas pertencentes ao universo desse componente curricular⁴.

Falando ainda das músicas com que trabalha, a educadora relatou-nos que nas comunidades em que atuava, no momento em que realizamos a entrevista, não era comum as crianças ouvirem funk, mas que em outras comunidades que lecionou tal estilo musical era bastante comum.

As minhas comunidades não têm muito funk nessa faixa etária, é mais sertanejo. São músicas muito adultas. Então, eu procuro trabalhar com eles músicas infantis e eles gostam demais. A comunidade que eu trabalho até o terceiro ano [...] são meninos muito crianças; porque eu já trabalhei em outras comunidades e as crianças ouviam muito funk, muita adultização, das crianças. [...] eu tive uma experiência em que elas tinham movimentos de adultos, experiências adultizadas mesmo, músicas de funk erótico, mas que eu pude trabalhar também nesse sentido. Levava o funk, levava outras letras de música. Adolescentes que eu trabalhava no projeto de dança, a gente estudava aquelas letras que a gente estava dançando. Refletia sobre aquilo, sobre os movimentos. Foi muito legal. Eu consegui trabalhar com os adolescentes educação sexual através do funk. Os pré-adolescentes traziam muitas músicas de funk, pois os pais escutavam. (Professora Kn, 2021).

3 Rudolf Laban foi um dançarino, coreógrafo, teatrólogo, musicólogo, intérprete, considerado como o maior teórico da dança do século XX e como o "pai da dança-teatro". Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Laban. Acesso em 28.01.2022

⁴ Tal constatação sobre problemas na formação inicial do professor de Educação Física para trabalhar com a temática dança também aparece no trabalho de Mônica Ehrenberg (2014).

Mesmo não havendo, nos momentos iniciais da realização da entrevista, citações feitas pelo entrevistador em relação ao funk, esse ritmo apareceu em vários momentos. A professora fala, inclusive, na realização de movimentos adultizados pelas crianças. Não houve maiores explicações sobre o que seria isso, mas foi possível inferir que seriam movimentos extremamente sensualizados e que não seriam adequados para serem produzidos por crianças, pois elas não têm maturidade suficiente para lidar com alguns aspectos da manifestação cultural funk, pensando principalmente em “palavreados” que não seriam adequados para a faixa etária dos estudantes com os quais trabalha ou danças extremamente sensualizadas, ou até mesmo sexualizadas, que deveriam estar fora de uma proposta de dança para crianças da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental.

O fato de o funk aparecer, mesmo não havendo uma conversa inicial por parte do entrevistador, ocorreu também em outras entrevistas realizadas com outros professores que atuam com dança no sistema público de ensino, coletadas para a construção da tese de doutorado anteriormente citada. Parece, tendo em vista tal realidade, que o funk (tanto a música, como a dança) está fortemente vinculado aos estudantes que frequentam as escolas públicas da cidade de Juiz de Fora. Devido a esse fato, convém destacar que em relação a esse ritmo, Bertoni (2001) ressalta que a música de mercado pode seduzir as crianças através da sensualidade das danças e também das letras, podendo, de alguma maneira, comprometer o desenvolvimento infantil.

Além disso, segundo Laban (1990), a dança como uma proposta educativa não está relacionada à produção ou repetição de danças sensacionais, mas se refere à atividade criativa que a dança proporciona ao estudante. Ao debruçar sobre os dizeres de Laban (1990) e também Bertoni (2001), entendemos a importância da escola e do trabalho com dança ali realizado como uma forma de se construir práticas corporais significativas para os alunos. Entendemos que o funk, assim como expressa a professora, está vinculado à cultura dos alunos, no entanto, é necessário que a escola discuta elementos dessa manifestação cultural, permitindo aos discentes refletirem sobre aquilo que eles estão consumindo, trabalhando assuntos de relevância social (como educação sexual), assim como expõe a professora em sua fala.

Antes de continuar as reflexões aqui desenvolvidas, deixamos claro que não nos colocamos contrários ao funk. Pensamos que esse ritmo, bem como suas danças, estão intimamente vinculados à cultura brasileira. Muitas músicas relacionadas a esse estilo

musical mostram a realidade social existente nas periferias do nosso país⁵. Existem, no entanto, algumas expressões oriundas do funk que trazem mensagens equivocadas, como disseminar comportamentos violentos, consumo de drogas⁶ e também a vulgarização da imagem da mulher.

A popularidade de tais músicas entre os adolescentes, assim como é dito pela professora Kn, pode ser entendida através de conceituações foucaultianas relacionadas ao exercício do poder. Segundo Foucault (1989), o poder não é exercido de uma maneira homogênea, de uma classe ou grupo em relação a outra classe ou grupo, não podendo ser dividido entre a parte que o detém e a parte que é submetida ao mesmo. O poder é exercido em redes, estando as pessoas na posição tanto de exercer o poder como sofrer sua influência. O poder não se aplica, mas passa através das pessoas.

Somos levados a entender, a partir do pensamento de Foucault (1989) e também Bertoni (2001), que existe um segmento da indústria da música que exerce forte influência em relação ao que esses jovens e também seus responsáveis escutam e vivenciam em seu cotidiano. Dessa forma, existe uma rede de exercício do poder que culmina na popularidade de certas músicas de funk, dentro das escolas. Os pais sofrem influência da indústria da música e ao mesmo tempo influenciam seus filhos, que continuam esse processo influenciando seus colegas de turma. A fala da docente em relação ao funk em instituições que lecionou exemplifica essa situação. É interessante destacar que, às vezes, essa mensagem equivocada trazida pela música não é percebida por pessoas que cantam ou dançam tais melodias. Essa situação é exemplificada pela docente através da seguinte fala:

O que que eu pude perceber: essas músicas são muito eróticas, mas nós como adultos sabemos o que as músicas estão cantando. Crianças e muitos adolescentes não sabem, não entendem o que é aquela letra. Não presta atenção [sic]. É interessante porque eu fui estudar a letra e eles não prestavam atenção na letra. [...] As crianças não 'sacam' mesmo. Elas vão rebolando até o chão, com o dedinho na boca. Elas não 'sacam' o que que é isso (Professora Kn, 2021).

5 Como exemplo, podemos citar a música de CIDINHO; DOCA. Eu só quero é ser Feliz. Disponível em <https://www.lettras.mus.br/cidinho-e-doca/885060/>. Acesso em 30.01.2022

6 Sobre funk com apologia à violência e consumo de drogas ver Ferreira (2021). Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2021/Funk-criminaliza%C3%A7%C3%A3o-den%C3%Bancia-e-apologia-ao-crime#:~:text=A%20m%C3%BAstica%20E2%80%9CMigu%C3%A9%20%9D%2C%20parceria,d en%C3%Bancia%20de%20apologia%20ao%20crime>. Acesso em 30.01.2022

Além dessa questão vinculada à música que muitos adolescentes escutam, temos também, na visão da professora entrevistada, questões vinculadas ao poder exercido por pessoas ligadas a instituições religiosas, que buscam interditar a prática de dança por parte das crianças na instituição escolar na qual ela atua. A seguinte fala remete a tal questão:

Eu não tenho esse problema em relação ao gênero... Bem, às vezes, é da religiosidade. De alguns que querem participar de alguma coreografia [...] Mas existe isso também, montar coreografia para uma festa na escola e participa quem quer e eu dou sorte porque as crianças participam muito, tanto as meninas quanto os meninos, e eles criam porque eu deixo eles criarem a coreografia. E aí eles gostam mais ainda e participam ativamente daquela construção, então não tem problema. O único problema é que se for apresentar, as crianças não podem porque o pai não deixa. Aí tem uns que falam assim: “ô tia, eu quero ensaiar, mas você não conta para o meu pai não (risos).” E aí, dentro da aula de Educação Física, eles fazem e quando eles vão apresentar, eles não vão porque a religião não permite (Professora Kn, 2021).

Segundo Foucault (2016), o corpo está posicionado dentro de poderes bastante estreitos, que propiciam a ele limitações, proibições e obrigações. O controle é realizado através de uma coerção constante, de tornar o corpo algo próximo à mecânica. Esses métodos permitem um expressivo controle nas operações corporais, impondo uma relação de docilidade e utilidade. Esses métodos de controle podem ser compreendidos através do conceito de biopolítica.

Foucault entende a biopolítica como uma forma de manifestação do poder, através da qual mecanismos da vida biológica das pessoas são colocados dentro da gestão política de um Estado, sendo assim, gerenciados e administrados. É central na biopolítica o estabelecimento de mecanismos de controle que não mais estarão direcionados aos corpos individuais, mas sim direcionados a populações, propiciando censuras em grupos sociais diversos de acordo com o interesse político desejado (COPETTI; WERMUTH, 2020). Assim, com o objetivo de manter um controle sobre os corpos das pessoas, criando indivíduos passivos e dóceis, é estabelecida por algumas instituições religiosas uma censura sobre qualquer movimento que não esteja vinculado ao universo gospel, tendo em vista que a dança propicia ao corpo uma liberdade de movimentos que muitos religiosos querem domesticar, manter sob um domínio coercitivo. O próprio Foucault era extremamente crítico em relação ao cristianismo. Rago (2019) faz uma reflexão que exemplifica esse posicionamento:

Sua crítica devastadora do cristianismo, além do mais, permitiu entender como se formou historicamente uma noção de sujeito – o “sujeito de desejo” –, associada à ideia da culpa e do pecado, levando, conseqüentemente, à

exigência da renúncia de si, assim como da obediência permanente a um outro, como forma de purificação e de salvação (RAGO, 2019, p. 3).

Analisando as duas situações enfrentadas pela docente, é possível notar que existe um confronto de tendências no ensino de dança na escola. Ao mesmo tempo em que existe uma pressão para se trabalhar a dança de uma maneira extremamente sexualizada, exercida por alguns alunos, muitas vezes não adequada para a idade das crianças, existe também uma pressão que limita a forma de se expressar dos discentes através da dança, devido a questões religiosas.

Além de preocupar-se com as aulas em questão, existe a necessidade de a docente lidar com diferentes dificuldades relacionadas a sua prática pedagógica. No entanto, recorrendo novamente a Foucault (1988), existindo poder, existe também resistência, e a resistência jamais se encontra exterior ao poder.

É possível ver, na prática dessa docente, que mesmo havendo uma pressão forte para o consumo de determinada música, ela resiste propondo, a partir dessas melodias, um trabalho vinculado à educação sexual, trazendo uma compreensão crítica em relação ao que as crianças estão ouvindo.

No que está relacionado à questão religiosa, a professora também “resiste”, trazendo reflexões para suas aulas, assim como mostra o seguinte trecho:

Eu aproveito a questão para discutir. Então a gente senta na rodinha e vamos conversar. Por que você não pode dançar? O que a sua religião entende? Quem tem outra religião e pode dançar (...). É tudo na linguagem deles, pois eles são muito pequenos, dentro do que eles entendem. E aí a gente discute essa questão da dança e da religiosidade. Tem religiões que podem dançar [sic], que permite, tem religiões que não permitem a dança e tem religiões que permitem a dança, mas somente como música religiosa. É isso que eu faço. Trabalhar a dança na escola não significa só dançar, pode conversar sobre dança, conversar sobre o conteúdo dança. Eu trabalho dentro desta proposta (Professora Kn, 2021).

A última parte da fala da docente remete à ideia de que a dança é algo que está além da execução de movimentos, em consonância com Izabel Marques (2012, p. 25), ao explicar que: “A dança, se entendida como arte, é a relação de vários componentes, relação entre diferentes campos de significação.” Neste contexto, trabalhar com dança é também discutir com os alunos os diferentes significados que a dança possui.

Acreditamos que essa postura da professora é importante, uma vez que proporciona aos alunos a possibilidade de refletirem sobre sua realidade. A atuação da docente demonstra o seu comprometimento em resistir a diferentes pressões advindas de

diferentes lugares – a indústria da música, a família, a religião. No entanto, é angustiante ver essa realidade da escola brasileira, na qual o professor tem que se justificar e se desdobrar para trabalhar com uma temática que é legítima dentro do ambiente escolar.

BNCC EM FOCO

Para além das questões citadas anteriormente, a educadora deve contemplar em suas aulas a vinculação do seu trabalho com elementos contidos na BNCC, pois a partir de 2017, essa base tornou-se obrigatória para a formulação dos currículos dentro do território nacional, além de ter que lidar com o Ensino Remoto, devido à necessidade de distanciamento social por conta da pandemia da Covid 19. Sobre esses aspectos, pode ser citada a seguinte fala:

Com essas aulas online nós ficamos muito mais íntimos da BNCC [...] E esse planejamento tem que ser feito mensalmente e você tem que colocar lá as habilidades, os objetivos, os campos de experiência da educação infantil. Então a gente ficou íntimo daquilo porque a gente tem que colocar no papel. Ah, tá! O conteúdo que você tá trabalhando tá dentro de qual campo de experiência? De qual objeto de estudo? Qual habilidade? Então a gente ficou muito mais íntimo da BNCC. Não tem como não conhecer a BNCC a partir dessas aulas online (Professora Kn., 2021).

Analisando a vivência da professora, ela estabelece uma leitura que insere uma perspectiva favorável a aproximar sua visão com a BNCC, ao propor aulas planejadas a partir dessa base, abordando, inclusive, as temáticas que ali estão, como a dança ou o jogo. Se aproxima também por empregar estratégias para resolver desafios e melhorar a aprendizagem das práticas corporais abordadas em suas aulas (item 2 das competências específicas da Educação Física) e também por interpretar e recriar valores, sentidos e significados atribuídos às diferentes práticas corporais e aos sujeitos envolvidos com elas (item 6 das competências específicas da Educação Física) (BRASIL, 2018). Isso pode ser percebido quando ela leva para a sala de aula discussões relacionadas à religião e dança e também através da ressignificação das danças e músicas extremamente sexualizadas, que são trazidas pelos alunos, promovendo discussões em torno da temática sexualidade.

Esse mesmo trabalho da professora pode ser considerado também um momento de resistência em relação às proposições da BNCC, se olhado através de um outro aspecto. Na versão homologada desse documento oficial, no ano de 2017, houve a supressão do Tema Transversal “Orientação sexual”, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL, 2000)⁷. Ainda existe a proposição de temas transversais na BNCC, mas a discussão sobre gênero e/ou sexualidade foi extraída. A proposição inicial, quando da elaboração dos PCN, era de que após dez anos esses parâmetros seriam revistos e readequados à realidade social e educacional. Somente 20 anos depois essa revisão é realizada e, o que antes era um parâmetro curricular se torna uma normativa a ser seguida.

Neste caso, a invisibilidade das questões de gênero e/ou sexualidade no currículo pela BNCC demarca um período de retrocesso, enquanto a vida social nos apresenta demandas identitária emergentes que carecem de serem revistas, discutidas e problematizadas no âmbito escolar, com o intuito de minimizar os processos de exclusão evidentes na sociedade brasileira. Ainda que mergulhados neste contexto de retrocesso, a resistência faz-se presente na prática pedagógica da professora Kn ao propor discussões vinculadas a sexualidade em suas aulas.

Sobre a BNCC, não serão realizadas novas discussões. Talvez isso possa ser feito em um novo trabalho, tendo em vista que a entrevista com a professora, sujeito do presente texto, permitiria outras reflexões. No entanto, essas reflexões ultrapassariam os limites aqui propostos. Pode ser que a partir de novas análises surjam novos trabalhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, através deste trabalho, fazer algumas reflexões sobre a prática docente de uma professora de Educação Física que atua em suas aulas com a temática dança, partindo de teorizações foucaultianas. Inicialmente, é importante ressaltar, novamente, que existem muitos elementos sobre a prática dessa educadora que não foram abordados devido aos limites do presente texto. Ela possui um longo histórico de atuação com a dança-educação; sendo assim, sua vivência em dança é riquíssima.

As falas dela nos levam a pensar que a formação inicial do professor de Educação Física não instrumentaliza esse profissional a trabalhar com a temática dança no ambiente escolar. Compreendemos assim que o trabalho na escola necessita para além de uma formação acadêmica uma formação que se dá no chão da escola.

É no chão da escola que a prática dessa educadora é repleta de nuances que ultrapassam o saber ensinar determinado conteúdo ou temática. Em sua prática existem momentos de resistência relacionados a situações diversas, que perpassam pela existência

⁷ Sobre a supressão de assuntos vinculados à sexualidade na BNCC, ver: OLIVEIRA, Anderson José de; SALVADOR, Nayara Rios Cunha. Currículo, Educação Física e BNCC: onde está Wally, o gênero e a sexualidade. *Revista de Estudos Interdisciplinares*. v.2, n. 3, p. 1-20, maio/jun. 2020.

no ambiente escolar, de músicas trazidas pelos discentes de forte cunho sexual, com a pressão exercida por integrantes da comunidade escolar ligados a determinadas religiões, que buscam um aprisionamento do corpo humano. Adicione-se a essas situações, o fato de ter também que lutar para sobreviver em um país como o Brasil, no qual a educação não é tratada como prioridade pelos governantes.

Mesmo com esse ambiente conflituoso, não é incomum encontrarmos professores que resistem, buscam uma prática pedagógica reflexiva, trabalham a dança para além de aspectos técnicos e execução de movimentos estilizados. A professora, sujeito de análise deste trabalho, é um exemplo de professores que possuem esse comprometimento.

Tendo em vista tal cenário, encerramos esse texto, desejosos de que em um futuro próximo a educação seja prioridade em nosso país e que o professor possa atuar na escola focado na aprendizagem de seus alunos e não tendo que lidar com cenários tão adversos, como os que foram relatados no presente estudo.

REFERÊNCIAS

- BERTONI, Luci Mara. Arte, indústria, cultural e educação. **Cadernos Cedes**, Campinas, SP, n. 54, p. 76-81 ago. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/NXKsK9Xc45TgB9TJqp4ycrz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06.02.2022
- BRASIL. Orientação sexual. In: BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade nacional e orientação sexual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. v. 10, p. 107-161.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- COPETTI, Dhyani Colpo; WERMUTH, Maiquel Ângelo Dezordi. O conceito de biopolítica em Michel Foucault: uma análise a partir do sistema prisional brasileiro. In: XXVIII Seminário de Iniciação Científica, 28, 2020, Ijuí. **Anais [...]** Injuí: Online, 2020. p. 1-5. Disponível em <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/17848/16582#:~:text=O%20fil%C3%B3sofo%20franc%C3%AAs%20Michel%20Foucault,%20ser%20gerenciados%20e%20administrados>. Acesso em: 24 ago. 2022.
- EHRENBERG, Mônica Caldas. A dança nos cursos de licenciatura em Educação Física: diagnósticos e possibilidades. In: EHRENBERG, Mônica Caldas; FERNANDES, Rita de Cássia; BRATIFISCHE, Sandra Aparecida (org.). **Dança e educação física: diálogos possíveis**. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2014. p. 41-66.

FERREIRA, Luã. Funk: criminalização, denúncia e apologia ao crime. Jan., 2021. Disponível em <https://pp.nexojornal.com.br/opiniaio/2021/Funk-criminaliza%C3%A7%C3%A3o-den%C3%Bancia-e-apologia-ao-crime#:~:text=A%20m%C3%BAstica%20%E2%80%9CMigu%C3%A9%E2%80%9D%2C%20parceria,den%C3%Bancia%20de%20apologia%20ao%20crime>. Acesso em 30 jan. 2022.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LETRAS. CIDINHO; DOCA. Eu só quero é ser Feliz. **LETRAS**. Disponível em <https://www.letras.mus.br/cidinho-e-doca/885060/>. Acesso em 30.01.2022.

LIMA, Telma. Cristina Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.10, p. 37-45. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 06 fev. 2022.

MARQUES, Isabel A. **Interações**: crianças, dança e escola. São Paulo: Blucher, 2012.

MINAYO, Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MULTISHOW. Funk ostentação: saiba tudo sobre o gênero que conquista cada vez mais fãs citando carrões, bebidas e roupas de marca, 2016. Disponível em <https://multishow.globo.com/musica/noticia/funk-ostentacao-saiba-tudo-sobre-o-genero-que-conquista-cada-vez-mais-fas-citando-carroes-bebidas-e-roupas-de-marca.ghtml>. Acesso em 30.01.2022. Acesso em: 20 fev. 2022.

RAGO, Margareth. “Estar na hora do mundo”: subjetividade e política em Foucault e nos feminismos. In: Dossiê, Biopolítica e governamentalidade em Saúde. **Interface**. Botucatu, SP, fev. 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/icse/a/ccCCbt4pcXx4CTWhX8JnBmc/abstract/?lang=pt>. Acesso em 06.02.2022.

STRAZZACAPPA, Márcia. A Dança e a Formação do Artista. In: STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência**: a formação do artista de dança. 4. ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2011, p. 10-69.

WIKIPEDIA. Rudolf Laban, 2015. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Rudolf_Laban. Acesso em 28.01.2022.